

# REVISTA MARACANAN

## Notas de Pesquisa

### Sofia Jobim e o ensino da indumentária histórica na E.N.B.A.

#### *Sofia Jobim and the teaching of historic costume at E.N.B.A.*

**Maria Cristina Volpi**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
mcvolpi@ufrj.br

**Resumo:** Esta nota de pesquisa apresenta o estudo do ensino da indumentária histórica na Escola Nacional de Belas Artes (E.N.B.A.), no Rio de Janeiro, com foco na trajetória de Maria Sofia Jobim Magno de Carvalho (1904-1968) que aí introduziu o curso e foi responsável por seu ensino entre 1949 e 1967. Suas fontes principais são documentos da coleção didática do Museu D. João VI e da coleção Sofia Jobim Magno de Carvalho do Museu Histórico Nacional, que possui mais de 6 mil documentos entre livros, cadernos manuscritos, fotografias, ilustrações, trajes e acessórios. A partir da revisão crítica desses dois acervos e da problematização dos contextos, das experiências, dos discursos e das práticas dos principais agentes que tomaram parte nesse processo, busca-se compreender como se deu o ensino do vestuário e da moda na E.N.B.A. e qual foi o legado de Sofia.

**Palavras-chave:** Indumentária histórica; E.N.B.A.; Sofia Jobim Magno de Carvalho; Ensino artístico; Ensino de indumentária; História da indumentária e da moda.

**Abstract:** This note considers the teaching of historic costume at National School of Arts (E.N.B.A.) in Rio de Janeiro. Our emphasis is on Maria Sofia Jobim Magno de Carvalho (1904-1968), who introduced the course and was responsible for its teaching from 1949 to 1967 at the same institute. Our main sources belong to the didactic collection at Museum D. João VI and the Sofia Jobim Magno de Carvalho collection of the National Historic Museum, which consists of more than 6.000 documents among books, manuscripts, photographs, illustrations, costumes and accessories. By making a critical revision of these two collections and taking into account experiences, speeches and practices of the main agents in this process, we intend to provide some understanding about the teaching of costume and fashion history at E.N.B.A. and Sofia's legacy in it.

**Keywords:** Historical costume; E.N.B.A.; Sofia Jobim Magno de Carvalho; Artistic teaching; Costume teaching; History of costume and fashion.

**Artigo recebido para publicação em:** Outubro de 2015

**Artigo aprovado para publicação em:** Novembro de 2015

No Brasil, o ensino do vestuário e da moda numa escola de artes teve como figura precursora Maria Sofia Jobim Magno de Carvalho (1904-1968). A escola em questão, denominada Escola Nacional de Belas Artes<sup>1</sup> entre 1890 e 1965, rebatizada Escola de Belas Artes (EBA), originou-se da Academia fundada em 12 de agosto de 1816, ainda no período colonial, por um grupo de artistas franceses.<sup>2</sup> O modelo de ensino que incluía a pintura, a escultura e a arquitetura, visava à formação tanto do artista quanto do artífice.<sup>3</sup> Portanto, o projeto da Academia oitocentista, que incluía o ensino artístico e técnico, era o que havia de mais atual na formação artística, numa época em que, na França, as reformas pedagógicas empenhavam-se na renovação da produção tanto estética quanto técnica.

Mas a relação entre o ensino artístico e o técnico nunca foi simples, contribuindo para a manutenção de uma hierarquia entre as artes maiores e menores, revelando tensões que se prolongaram durante todo o século XX e além. Nesse mesmo sentido, o pensamento modernista que reproduziu e aprofundou a contraposição positivista do útil ao belo<sup>4</sup> contribuiu para que a questão do estatuto das artes menores se prolongasse por meio da noção de desenho industrial. Ainda hoje, no campo da sociologia da cultura, atribui-se valor simbólico diferenciado à alta cultura, ou seja, as “belas” artes, o teatro, a produção literária, a dança e outras formas de cultura como o cinema, a música popular, a televisão ou a moda.<sup>5</sup>

No contexto brasileiro, durante os anos 1930 e 1940, o estado getulista estabeleceria as bases do ensino secundário e superior, com reflexos importantes na própria estrutura da ENBA.<sup>6</sup> Incorporada à universidade em 1931, a escola traz desde sua fundação em 1816 até hoje, um embate entre a valorização/desvalorização do ensino técnico em seu interior, protagonizado por professores com diferentes experiências profissionais e tendências ideológicas divergentes. A aparente contradição da presença da professora Jobim na E.N.B.A. pode ser compreendida à luz dessas questões. Sua vinculação à Escola, entre 1949 e 1967, como professora do curso de indumentária histórica, uma especialização da graduação em artes decorativas, correspondeu a um período de grandes transformações políticas e institucionais. No âmbito da história do ensino artístico na E.N.B.A., a origem dos estudos de moda está estreitamente vinculada à trajetória profissional de Sofia Jobim Magno de Carvalho.

<sup>1</sup> Sua incorporação à antiga Universidade do Rio de Janeiro em 1931 ocorreria num período de grandes transformações políticas e institucionais, entre os anos de 1930 e 1940. A universidade seria denominada entre 1937 e 1956 Universidade do Brasil e Universidade Federal do Rio de Janeiro daí em diante.

<sup>2</sup> Joachim Lebreton, Nicolas Antoine Taunay, Jean-Baptist Debret, Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny, Auguste Marie Taunay, Charles Simon Pradier e mais tarde, Marc e Zéphérin Ferrez.

<sup>3</sup> FERNANDES, Cybele Vidal Neto. O Ensino de Pintura e Escultura na Academia Imperial das Belas Artes. 1920. Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em:

<[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/aiba\\_ensino.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/aiba_ensino.htm)>. Acesso em: 29/09/2015.

<sup>4</sup> CARDOSO, Rafael. A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico. 19&20. Rio de Janeiro, v. III, n. 1, jan. 2008. Disponível em:

<[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/rc\\_ebatecnico.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/rc_ebatecnico.htm)>. Acesso em: 12/04/2015.

<sup>5</sup> CRANE, Diana. *Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural*. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 15.

<sup>6</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14. ed. atual. e ampl. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. p. 288.

Uma vez que, para operacionalizar o estudo do homem e seu tempo, o historiador oscila entre “as grandes ondas de fenômenos aparentados que atravessam, longitudinalmente, a duração” e “o momento humano em que essas correntes se apertam no nó poderoso das consciências”,<sup>7</sup> a análise dessa fase da história do ensino artístico no Brasil fundamenta-se no estudo da trajetória de vida da professora Jobim. A noção de trajetória, como foi definida por Pierre Bourdieu, no âmbito dos estudos biográficos, refere-se a “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente [...], em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”.<sup>8</sup>

A rica trajetória de Sofia Jobim tem motivado abordagens as mais diversas sobre aspectos de sua vida e obra.<sup>9</sup> Estes estudos fundamentam-se quase exclusivamente na coleção Sofia Jobim do Museu Histórico Nacional (MHN), cujo volume e cuja falta de organicidade são alguns dos obstáculos para seu enfrentamento.<sup>10</sup> Testemunho de uma vida produtiva e variada, a coleção possui mais de 6 mil documentos que incluem textos (documentos oficiais, estudos, ensaios publicados em periódicos, cartas, poemas, discursos, palestras, entrevistas e cardápios); objetos (trajes, acessórios e bonecas que compunham o Museu de Indumentária da professora) e imagens (ilustrações feitas por Sofia, gravuras artísticas, fotografias e postais).

Como grande parte do acervo do MHN refere-se a sua atuação como professora universitária, esse aspecto de sua vida profissional pode ser mais bem compreendido à luz de estudos sobre a antiga E.N.B.A. A pesquisa, desenvolvida por uma equipe, faz parte de um

<sup>7</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história*, ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 135.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. Apêndice I - A ilusão Biográfica. In: *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 74-82 [p.81].

<sup>9</sup> Sofia Jobim Magno de Carvalho (1904-1968) <http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=753> v. 1; CRUZ, Cacilda Fontes, BOREL, Luciana Galvão. A coleção Sophia Jobim: um estudo sobre o soroptimismo no Brasil. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: MHN, v. 30, 1998. p. 267-273. Disponível em:

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=demo&pagfis=1588&pesq=>. Acesso em: 02/05/2015; RIBEIRO, Heloisa. Mosaico de caminhos; tempo e drama na Coleção Sophia Jobim. *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro: MHN, v. 33, 2001. p. 261-274. Disponível em:

<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=17277&pesq=>. Acesso em: 17/07/2015; VIANA, Fausto. Dos cadernos de Sophia: anotações para o estudo da indumentária. *Anais do 6º Colóquio de Moda*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2010. Disponível em:

[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda\\_2010/71693\\_Dos\\_cadernos\\_de\\_Sophia\\_-\\_anotacoes\\_para\\_o\\_estudo\\_de\\_in.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda_2010/71693_Dos_cadernos_de_Sophia_-_anotacoes_para_o_estudo_de_in.pdf). Acesso em: 06/08/2014. *Id. ...Dos cadernos de Sophia*. Relatório de estágio pós-doutoral. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, UFRJ, 2012; *Ibidem*. <https://doscadernosdesophia.wordpress.com/>, 2013; ALMEIDA, Graciana. Na coleção Sophia Jobim: a presença de Rembrandt e a questão da veracidade dos trajes. *VIII EHA - Encontro de História da Arte*. Campinas, SP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade de Campinas/Unicamp. 2013. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2012/Graciana%20Almeida.pdf>. Acesso em: 06/08/2014.

GUEDES, Ana Carolina de Azevedo. A individualidade sob uma perspectiva biográfica no caso de Sophia Jobim (1920-1960). Luna Halabi Belchior; Luisa Rauter Pereira; Sérgio Ricardo da Mata (Orgs.). *Anais do 7º. Seminário Brasileiro de História da Historiografia – Teoria da história e história da historiografia: diálogos Brasil-Alemanha*. Ouro Preto: EdUFOP, 2013. Disponível em:

[http://www.seminariodehistoria.ufop.br/7snhh/snhh7/media/arquivos/sistema/trabalhos/A\\_Individualidade\\_sob\\_uma\\_perspectiva\\_biografica\\_no\\_caso\\_de\\_Sophia\\_Jobim\\_1920-1960.pdf](http://www.seminariodehistoria.ufop.br/7snhh/snhh7/media/arquivos/sistema/trabalhos/A_Individualidade_sob_uma_perspectiva_biografica_no_caso_de_Sophia_Jobim_1920-1960.pdf). Acesso em: 08/09/2014.

<sup>10</sup> Um primeiro enfrentamento foi feito pelo pesquisador Fausto Viana que, entre 2007 e 2012, fotografou o acervo que está no Museu Histórico Nacional e transcreveu os manuscritos durante seu pós-doutoramento, junto do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da EBA/UFRJ. Atualmente, parte do material registrado pode ser encontrada no blog <http://doscadernosdesophia.wordpress.com/>

projeto mais amplo denominado “Memórias do Curso de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da UFRJ”. A partir da revisão crítica de documentos existentes no MHN e no Museu D. João VI que fazem parte da Escola de Belas Artes da UFRJ, reflete-se sobre os contextos, as experiências, os discursos e as práticas que vinculam Sofia Jobim ao ensino na E.N.B.A. Tendo em vista as questões que norteiam a pesquisa, a análise desse corpus bastante heterogêneo visa identificar os exemplos de regimes visuais construídos histórica e socialmente.

Tendo em vista diferentes abordagens e sentidos atribuídos aos estudos de cultura visual,<sup>11</sup> considera-se, nesta pesquisa, o estudo da cultura visual com base nas produções humanas que propiciam experiências visuais e nas formas de ver objetos e imagens. O estudo da cultura visual é abordado aqui num sentido amplo, ou seja, como uma qualificação da vida em sociedade que mediará significados e valores. Admite-se aqui, a cultura, tal como afirma Meneses, sendo a cultura visual uma subcategoria da cultura material, ambas “dimensão física, empírica, sensorial, corporal, da produção/reprodução social”.<sup>12</sup> Desse modo, a pesquisa sobre a trajetória de vida de Sofia Jobim, com foco nos estudos sobre vestuário e moda, dialoga com as imagens produzidas ou selecionadas por ela, com a cultura visual<sup>13</sup> de seu tempo e com a história do ensino artístico no Brasil.

A trajetória de vida de Sofia Jobim está sendo reconstruída por meio de quatro instâncias: 1) os percursos pessoais e profissionais; 2) sua relação com os outros; 3) por intermédio das coisas e 4) pela compreensão crítica.<sup>14</sup> Assim, ao mesmo tempo que a vida e a obra de Sofia Jobim são estudadas criticamente, pretende-se contribuir para o entendimento dos primórdios da formação do campo de estudos da moda no Brasil através de experiências de ensino e formação de artistas vinculados ao estudo do vestuário.

A seguir, veremos alguns aspectos, já identificados, da formação e da experiência profissional da professora Jobim, bem como da problemática da inserção do ensino da indumentária histórica na E.N.B.A.

## Sofia – professora universitária

Por iniciativa do crítico e historiador da arte José Fléxa Pinto Ribeiro, diretor da E.N.B.A. entre 1948 e 1952, Sofia foi inicialmente contratada como professora mensalista em 2 de julho de 1949. Seu contrato foi renovado anualmente até 1956, quando foi nomeada pelo

<sup>11</sup> Ver: ELKINS, James. *Visual studies: essays on verbal and visual representations*. New York/London: Routledge, 2003; DIKOVITSKAYA, Margaret. *Visual culture: the study of the visual after the cultural turn*. Cambridge: The MIT Press, 2005; KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. *Artcultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, 2005. p. 98-115 e MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Mauad X: Faperj, 2011.

<sup>12</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual; balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. v. 23, n. 45. São Paulo: Anpuh/Humanitas, 2003. p. 11-36.

<sup>13</sup> Segundo MITCHELL, W. J. T. *apud* KNAUSS, P. *Op. cit.* p.108.

<sup>14</sup> Segundo JOSSO, Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004 e PERES, Lucia Maria Vaz; MANCINI, Flávia Griep; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. “Experiências de vida e formação”, de Marie-Christine Josso. Resenha. *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 152-156, ago./dez., 2009.

reitor Pedro Calmon (1902-1985), auxiliar de ensino superior, posição que exerceu provavelmente até finais de 1967, já próximo de sua morte.<sup>15</sup>

A visão progressista de Fléxa Ribeiro<sup>16</sup> levaria longos dezoito anos para se impor politicamente e conseguir inserir as artes decorativas como cátedra. Resultava de um longo processo de modernização e adequação das práticas artísticas às experiências concretas de artistas/professores de várias gerações envolvidos com a pintura decorativa, a ilustração, a caricatura, o design e o exercício da crítica de arte protagonizado, entre outros, por Eliseo Visconti (1944), Henrique Cavalleiro (1892-1975) e Quirino Campofiorito (1993). Tal projeto seria concretizado pela implantação do regimento de 1948, que reestruturaria a E.N.B.A. após o curso de arquitetura ter se separado da Escola em 1945.

Concebido para formar profissionais decoradores com conhecimento particular da arte ornamental,<sup>17</sup> o curso de artes decorativas durava quatro anos seriados e, uma vez cumpridas as disciplinas dessa fase, o estudante poderia escolher uma especialização a ser cursada pelo menos durante um ano e no máximo por três anos, dentre elas: 1) pintura decorativa; 2) escultura decorativa; 3) arte da publicidade e do livro; 4) cenografia; 5) indumentária;<sup>18</sup> 6) cerâmica; 7) mobiliário; 8) tapeçaria, tecidos e papel pintado; 9) artes do metal e 10) artes do vitral e do vidro, enquanto as matérias do curso seriado eram ministradas por professores catedráticos,<sup>19</sup> as especializações seriam ministradas, cada uma delas, por um professor contratado, um cargo eventual que levava em conta as vantagens artísticas, culturais e técnicas do profissional escolhido.<sup>20</sup>

## A formação e a inserção profissional de Sophia Jobim

A contratação de Sofia, em 1949, para ministrar a especialização de indumentária, fundamentava-se em sua notória experiência como professora de corte e costura, usos e costumes e sua habilidade como ilustradora.

<sup>15</sup> Portaria n. 148 de 19/04/1956. Documento SMdp 4 112.391. Coleção Sofia Jobim Magno de Carvalho, MHN.

<sup>16</sup> José Fléxa Pinto Ribeiro (Faro, PA, 1884-1971) foi um crítico, historiador da arte, poeta e professor catedrático da Escola Nacional de Belas Artes e seu diretor de 1948 a 1952. Publicou os seguintes livros: *Fialho D'Almeida* (1911), *Rubens e os flamengos* (1917), *O Imaginário (Pretextos de Arte)* (1925), *Renan, Narciso (da Arte, do Amor e da Moral)*, e a coleção *História Crítica da Arte*, com primeira publicação em 1962. Disponível em:

[http://www.dezenovevinte.net/artigos\\_imprensa/flexaribeiro01.htm](http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/flexaribeiro01.htm). Acesso em: 03/05/2015.

<sup>17</sup> VIANA, Marcele Linhares. A arte decorativa nacional nos Salões de Arte da E.N.B.A. e do MNBA na primeira metade do século XX. *Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar*. Teresina-PI: Universidade Federal do Piauí-UFPI, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Marcele%20Linhares%20Viana.pdf>. Acesso em: 09/08/2014.

<sup>18</sup> Indumento, [do latim *indumento*], roupa. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 1152. O termo foi empregado tanto nos documentos oficiais da escola quanto por Sofia Jobim: "indumentária", ou seja, roupa, traje, indumento, é a forma substantiva do adjetivo indumentário, empregado hoje com o sentido de artes do vestuário, história do vestuário ou uso do vestuário em relação a épocas ou povos.

<sup>19</sup> A reforma universitária de 1972 substituiu as cátedras pelo cargo de professor titular do departamento.

<sup>20</sup> Regimento E.N.B.A., 1948, art. 17 §2º e art.162.

Professora secundária formada pela Escola Normal de Itapetininga em São Paulo, Sofia Jobim fundou, em 1932, o Lyceu Império, uma escola feminina de corte e costura situada na rua Ramalho Ortigão nº 9, no centro da cidade. O liceu funcionou por 22 anos e Sofia foi sua diretora durante todo esse período. Como estratégia de publicidade do Liceu Império, assinava, nos anos 1930, como Mme. Carvalho a coluna "Elegancias" no *Diário Carioca*. Nessa época, era comum entre as mestras costureiras e modistas o uso do pronome de tratamento em francês associado ao sobrenome, como uma forma de legitimar sua competência num domínio tradicionalmente ligado à moda e à cultura francesas.

Nos anos 1940, já dominando técnicas de desenho e colorido, passou a assinar as ilustrações que fazia com o nome artístico Sophia (com ph). Ao mesmo tempo, sua experiência profissional se ampliou, passando a lecionar no Seminário de Arte Dramática do Teatro do Estudante do Brasil (TEB), fundado pelo diplomata, escritor, ator e dramaturgo Pascoal Carlos Magno (1906-1980) a quem Sofia conheceu na Inglaterra, em 1938, quando estudava Teatro e Indumentária Histórica; lecionou também "Usos e Costumes" no Conservatório Nacional de Teatro do Ministério da Educação. A partir do final da II Guerra, Sofia tornou-se colunista de moda das publicações *Revista da Semana* e *Ilustração Brasileira*.<sup>21</sup>

Seus conhecimentos de modelagem e vestuário histórico habilitaram-na a realizar diversas ilustrações para figurinos de teatro, performance e cinema, numa época em que o termo figurinista ainda não era empregado. Desenhou para a atriz Bibi Ferreira em 1946, os figurinos da peça "Senhora", adaptada do romance de José de Alencar por Hélio Ribeiro da Silva, que estreou, três anos depois, com enorme sucesso. Em 1948, para Francesca Nozières, fez dois figurinos diferentes que foram usados pela declamadora em espetáculos amplamente noticiados pela imprensa. Para o Teatro do Estudante do Brasil, desenhou figurinos para as montagens de "Antígona" e "Édipo Rei" em 1951.<sup>22</sup> Mas o maior sucesso foi, sem dúvida, a criação de figurinos para "Sinhá-Moça", filme produzido pelos Estúdios Vera Cruz em 1953, com direção de Tom Payne e protagonizado por Anselmo Duarte e Eliane Lage. O filme foi premiado em Veneza com o Leão de Bronze, em 1954, e seu figurino recebeu menção honrosa.

Sofia aprendeu sobre história do vestuário e da moda, modelagem histórica, técnicas de desenho e colorido e design de figurino e de moda, em visitas de estudos e cursos de curta duração realizados entre os anos de 1930 e 1950, na Europa, no Oriente Médio, Extremo Oriente e nas três Américas. Muitas dessas viagens, em temporadas de alguns meses ou mesmo alguns anos, foram feitas quando acompanhou o marido, o engenheiro Waldemar Magno de Carvalho, que estava a serviço da Central do Brasil. Outras viagens ela realizou como representante brasileira do Clube Soroptimista do Rio de Janeiro, uma associação

---

<sup>21</sup> *Revista da Semana*, n. 45, 09/11/1946, p. 30 e 49; n. 23, 07/6/1947, p. 30 e *Ilustração Brasileira*, ano XL, n. 167, mar. 1949.

<sup>22</sup> Criado por Pascoal Carlos Magno em 1938.

feminina de origem norte-americana e cunho feminista, de que era membro e uma das fundadoras.<sup>23</sup>

Sofia Jobim estudou Indumentária Histórica, Design de Figurino para Teatro e Design de Moda<sup>24</sup> durante o ano de 1946, na renomada Escola de Artes e Artes Aplicadas, em Londres, a antiga Central School of Arts and Crafts.<sup>25</sup> No ano seguinte, fez um curso, de alguns meses, de Desenho do Traje Teatral na Traphagen School of Fashion, em Nova York, uma escola de design. Alegava ter cursado indumentária histórica no South Kensington Museum, em Londres, antiga denominação do Victoria and Albert Museum, o mais importante museu de Artes Decorativas e Aplicadas do mundo.<sup>26</sup> Além disso, fez cursos no Museu Carnavalet, em Paris, que abrigava, na época, a coleção de indumentária reunida – entre 1884 e 1940 – pelo pintor Maurice Leloir, atual acervo do Palais Galliera, o museu da moda de Paris; no Metropolitan Museum of Art (MET), em Nova York que, a exemplo dos museus ingleses oitocentistas, foi criado em 1870 com o objetivo de “encorajar e desenvolver o estudo das Belas Artes e a aplicação das artes na manufatura e na vida cotidiana”.<sup>27</sup> Outro museu que a professora visitou foi o Museu Benaki em Atenas, Grécia, que já possuía, naquela época, um vasto acervo arqueológico, etnográfico e histórico; também estudou arqueologia em acervos de dois dos mais importantes museus do mundo: o Museu Britânico, em Londres, e o Museu do Cairo, no Egito. Além disso, seus métodos de estudo consistiam em croquis, desenhos aquarelados, anotações e traduções de livros.<sup>28</sup>

## Os discursos e as práticas

Sua posição como membro do corpo docente da E.N.B.A. confirmou seu estatuto de especialista, sendo convidada a opinar sobre as relações entre os campos da história do vestuário e da moda e a história da arte. Seus argumentos em favor do estudo da matéria por alunos de Belas Artes fundamentavam-se no valor estético e expressivo dos diferentes trajes

<sup>23</sup> Sofia Jobim Magno de Carvalho participou como representante do Brasil do Congresso da Liga Internacional de Mulheres em Luxemburgo, em 1946, do Congresso do Conselho Internacional de Mulheres em Atenas, Grécia, em 1951, e do XVII Congresso da Aliança Internacional de Mulheres no Ceilão, em 1955.

<sup>24</sup> Coleção Sofia Jobim Magno de Carvalho, Museu Histórico Nacional. SMcr5/2.

<sup>25</sup> Fundada em 1896, a partir do movimento “Arts and Crafts” de William Morris e John Ruskin, com o propósito de fomentar a formação da mão de obra especializada para trabalhar na indústria. A Central School of Arts and Crafts foi denominada mais tarde Central School of Arts and Design. Em 1986, passou a fazer parte do London Institute. Mais adiante, fundiu-se com a Saint Martins School of Arts denominada Central Saint Martins College of Arts and Design a partir de 1989.

<sup>26</sup> BAKER, Malcolm. Museums, collections, and their histories. In: *A grand design; a history of the Victoria and Albert Museum*. Disponível em:

[http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1159\\_grand\\_design/essay-museum-collections-histories\\_new.htm](http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1159_grand_design/essay-museum-collections-histories_new.htm). Acesso em: 10/08/2014.

<sup>27</sup> CONFORTI, Michael. The Idealist Enterprise and the Applied Arts. In: Brenda Richardson (ed). *A grand design; a history of the Victoria and Albert Museum*. London: V&A, 1997. Disponível em:

[http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1159\\_grand\\_design/essay-the-idealist-enterprise\\_new.html](http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1159_grand_design/essay-the-idealist-enterprise_new.html). Acesso em: 10/08/2014.

<sup>28</sup> Fausto Viana identificou mais de sete obras sobre indumentária e moda que foram traduzidas por Sofia e constam dos 125 cadernos de anotações sobre esse tema. Ver:

<http://doscadernosdesophia.wordpress.com/> e também a Coleção SJMC no acervo do MHN.

históricos, em sua relação com o corpo humano, que ela entendia como a expressão material de uma poética. Numa palestra da série "O que é, porque e como" proferida na E.N.B.A., em 29 de setembro de 1959,<sup>29</sup> concebida para divulgar a escola a um público mais amplo, Sofia justifica o ensino do vestuário e da moda para artistas nos seguintes termos: "Dado o poder de persuasão do Traje, a sua correta aplicação ajudará muito na realização, enriquecendo de conteúdo expressivo a obra de arte do escultor, do pintor e do gravador que se destinam, em geral, os alunos de uma Escola de Belas Artes".<sup>30</sup>

A proposta curricular do curso de especialização em indumentária histórica procurava sintetizar conhecimentos nos campos da arqueologia, etnologia e história das formas vestimentares, visando proporcionar aos artistas uma visão aprofundada da matéria. As estratégias empregadas por Sofia – em ações didáticas segundo uma visão original e avessa a academicismos – propunham o entendimento da indumentária como obra de arte total.

Segundo seu entendimento, não havia ainda nenhuma literatura adequada, pois, em geral, os livros disponíveis sobre história da indumentária não passavam de uma coleção de gravuras pitorescas... Essa visão um tanto depreciativa da história do vestuário deve-se, provavelmente, ao fato de os primeiros estudos conhecidos datados dos séculos XVII e XVIII estarem fundamentados na compilação de imagens,<sup>31</sup> uma bibliografia que estava sendo substituída, nos primeiros anos do século XX, por estudos históricos que visavam reconstituir a construção, o estilo e os padrões de uso da "indumentária histórica",<sup>32</sup> termo empregado por ela em tradução literal do inglês. Sofia, que se denominava "indumentarista", defendia que o estudo da indumentária histórica era ao mesmo tempo ciência e arte. Para ela, a história da indumentária – um dos aspectos abordados em sua disciplina – seria apenas a forma, enquanto a indumentária histórica seria o conteúdo da matéria.

Sua paixão pelas roupas levou-a a adquiri-las em viagens ou leilões durante toda a vida. Em 15 de julho de 1960, foi inaugurado o Museu de Indumentária Histórica e Antiguidades, o primeiro do Brasil, na residência do casal Magno de Carvalho, situada na Rua Julio Otonio, 589, em Santa Teresa. Estiveram presentes amigos, familiares e autoridades como o governador do Estado da Guanabara, Sette Câmara, e o diretor do Museu Histórico Nacional e do Museu da República, o acadêmico Josué Montelo.

O conjunto formado por mais de 100 peças, entre trajes e acessórios contemporâneos, etnográficos ou históricos, foi exposto, ao lado de ilustrações e da biblioteca especializada, cujas prateleiras eram enfeitadas com pequenas bonecas vestidas com trajes regionais de várias partes do mundo. A iniciativa da criação do Museu de Indumentária foi saudada pela imprensa da época, o que valeu a Sofia Jobim Magno de Carvalho um voto de louvor do

<sup>29</sup> Série proposta por Gerson Pompeu Pinheiro, diretor da E.N.B.A. interinamente de 1955 a 1958; de 1958 a 1961; de 1964 a 1968 e de 1968 até cerca de 1972, para que os professores falassem sobre suas disciplinas/matérias para um público mais amplo. Publicada nos Arquivos da Escola Nacional de Belas Artes, n. VI, 1960.

<sup>30</sup> Palestra da Professora Sophia J. Magno de Carvalho proferida em 29/9/1959 e publicada. In: Arquivos da Escola Nacional de Belas Artes, Universidade do Brasil. n. VI, 1960. p. 154-176. Citação à pág. 164.

<sup>31</sup> ROCHE, Daniel. *La culture des apparences; une histoire du vêtement – XVII e XVIII siècle*. Paris: Fayard, 1989. p. 29.

<sup>32</sup> BREWARD, Christopher. *Fashion*. Oxford, UK. Oxford University Press, 2003, p. 11.

governo do estado. Nos anos que se seguiram, o Museu continuou atraindo visitantes famosos, servindo também para atividades complementares às aulas na E.N.B.A. Motivada a cuidar adequadamente da coleção que reuniu, a incansável professora graduou-se no Curso de Museólogos do Museu Histórico Nacional em 1963, aos 59 anos.

Sofia vivenciou sua relação com a E.N.B.A. em conformidade com seu caráter empreendedor. Tão logo fez parte do corpo de professores contratados tratou de alterar o nome do curso para indumentária histórica. Envidou esforços – que foram em vão – para que seu curso se tornasse uma cátedra, e, em seu desapontamento, voltou-se contra Fléxa Ribeiro, desconhecendo as controvérsias históricas que os defensores do ensino técnico e, por conseguinte, do curso de artes decorativas enfrentavam. Conseguiu que, no regimento de 1957, o curso de indumentária histórica fosse vinculado ao Departamento de História da Arte. Mas afinal, estaria uma “indumentarista” habilitada a ocupar a cátedra? Desconhecia a regra que estabelecia que os professores catedráticos deveriam ter necessariamente formação universitária, o que inviabilizava que ela ocupasse a posição naquele momento.

### **Sofia – “indumentarista”**

Como vimos, a experiência e formação que a professora acumulou levaram-na a dominar a criação de figurinos, a história do vestuário e da moda, técnicas de ilustração e modelagem de trajes contemporâneos e históricos. Essas competências habilitaram-na como candidata ao curso de indumentária, pois o programa deveria contemplar justamente: a) história do traje; técnica da arte de vestir; documentação historiográfica; b) trajes regionais a caráter; c) figurinos e sua criação.<sup>33</sup> Além disso, seu talento como ilustradora garantiu a indicação como professora contratada, pois, como estabelecido por seu regimento, na Escola, a formação do artista passava pela discussão teórica e pelo domínio do desenho, um postulado ainda vigente, cuja origem encontra-se na formação das academias de pintura renascentistas.<sup>34</sup> Do mesmo modo, sua formação e experiência profissional habilitavam-na a participar de uma renovação dos cursos oferecidos pela E.N.B.A. cujo colegiado percebia o Curso de Artes Decorativas como “uma atualização na formação profissional em nível superior, acompanhando a esse respeito o que se processa em vários países da Europa e Estados Unidos, onde as Escolas são muitas”.<sup>35</sup>

Bem relacionada socialmente e fazendo parte de uma proeminente e tradicional família com inserção nas altas esferas políticas de seu tempo, a incomum e produtiva trajetória de Sofia Jobim Magno de Carvalho poderia ser atribuída a uma personalidade empreendedora em um ambiente social e familiar favorável. A formação fragmentada, em parte, autodidata, em um ambiente internacional dedicado à formação artística e ao estudo da cultura material num sentido amplo contribuiu para fortalecer em Sofia a convicção da necessidade e da importância

<sup>33</sup> Regimento da E.N.B.A. 1948, artigo 22.

<sup>34</sup> PEREIRA, Sônia Gomes. Revisão Historiográfica da arte brasileira no século XIX. *Revista IEB*, nº 54, set/mar. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/Universidade de São Paulo, 2012. Pp. 87-106.

<sup>35</sup> Ata da Congregação da E.N.B.A, 05/12/1952.

do estudo do vestuário no âmbito das Belas Artes. Sua formação e vivência profissionais capacitaram-na para práticas – criação, colecionismo, preservação – muito mais do que para discursos – teóricos, históricos, estéticos. Mobilizou recursos diversos de modo a contribuir para o ensino artístico numa escola de artes, reunindo um conjunto didático sem precedentes no Brasil.

Durante os anos em que lecionou na escola, a professora Jobim vivenciou os embates travados pela valorização das artes decorativas numa instituição em que o ensino técnico, segundo Rafael Cardoso, “nunca deixou de exercer um papel determinante, chegando até mesmo a funcionar como a consciência torturada da instituição”.<sup>36</sup> Na década de 1960, ao sair em defesa da criação do curso de desenho industrial na Escola, o catedrático de artes decorativas, Quirino Campofiorito, empregou um argumento de teor moral “já clássico que divide a história da Academia/Escola em uma luta entre o ‘bem’, representado pelos defensores do ensino técnico e o ‘mal’, representado por aqueles ‘seduzidos pela vaidade do ensino das outrora consideradas artes maiores’”.<sup>37</sup>

A despeito da argumentação apaixonada de Campofiorito, ainda hoje a entrada tímida das artes decorativas e seus domínios alargados como o vestuário, o figurino e a moda no âmbito do ensino das “belas artes” e mesmo da história da arte, revelam impasses de cunho ideológico que perduram em nossos dias. No campo dos estudos culturais, apesar de abordagens alternativas como a do sociólogo norte-americano Herbert Gans que considera que “a cultura existe em diversas formas, com conjuntos de valores e padrões estéticos, que apelam a públicos com formações educacionais e gostos diferentes”,<sup>38</sup> para Crane, o processo de valorização simbólica da indumentária e da moda como “patrimônio cultural ainda permanece inferior ao das belas artes”.<sup>39</sup> No entanto, na EBA o legado de Sofia Jobim Magno de Carvalho deu frutos.

Nos anos 1970, duas das antigas especializações do curso de artes decorativas seriam transformadas na graduação em Artes Cênicas na EBA, pioneira no Brasil na formação de figurinistas e cenógrafos que atuam no teatro, cinema, na televisão e no carnaval.

**Maria Cristina Volpi:** é professora associada e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suas publicações sobre história e historiografia da indumentária e da moda no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX tem como foco os aspectos estéticos e materiais da aparência vestida.

---

<sup>36</sup> CARDOSO, R. Op. Cit.

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> (GANS, 1974) citado por CRANE, D. *Op. cit.* p. 15.

<sup>39</sup> CRANE, D. *Op. cit.* p. 206.